

Algumas Reflexões sobre a Pobreza e as Perspectivas para o Crescimento do Sector Rural de Moçambique**Por**:* Higinio de Marrule, Rui Benfica, Paul Strasberg, David Tschirley e Michael Weber**Introdução**

Desde o fim da guerra civil em 1992, Moçambique tem beneficiado de um rápido crescimento económico, na ordem de 7% anual em média, subindo para 12% durante 1997. Este crescimento é boa notícia para uma população que se encontrava abafada durante aproximadamente 20 anos pela guerra, a estagnação económica e níveis de pobreza absoluta entre os mais altos do mundo. No entanto, vale a pena levantar algumas questões ao redor deste crescimento económico que actualmente se verifica. Primeiro, Moçambique terá que realizar taxas anuais de crescimento na ordem de 7%-10% durante muitos anos para atingir as suas metas económicas e sair do grupo de países mais pobres do mundo. Quais são as estratégias que poderão garantir estes níveis de crescimento? Segundo, pouco se sabe ainda no âmbito público sobre a estrutura da pobreza no sector rural, o qual abrange cerca de 80% da população do país.

Neste *Flash* utilizamos informação de duas bases de dados para investigar o assunto das condições de pobreza e as perspectivas de crescimento no sector rural. Especificamente, debruçamo-nos sobre 1) a concentração de dois tipos importantes de capital produtivo no sector rural: terra e cajueiros, 2) o impacto desta concentração sobre o rendimento familiar e o consumo de calorias nas famílias, e 3) as implicações destas constatações sobre possíveis motores de crescimento no sector rural. Este

* As opiniões aqui expressas são da inteira responsabilidade do Projecto de Segurança Alimentar (PSA) e não reflectem a posição oficial do Ministério de Agricultura e Pescas.

** Com excepção de Rui Benfica (consultor no Banco Mundial) e Paul Strasberg (Consultor no Land Tenure Center-Wisconsin), os restantes autores são membros da equipa de pesquisa do Projecto de Segurança Alimentar.

Flash não pretende dar tratamentos compreensivos ao assunto de pobreza e perspectivas de crescimento no sector rural, mas apenas oferecer ao debate alguns contributos importantes. As bases de dados utilizadas são a de Nampula/Cabo Delgado (NCD), recolhida pelo Projecto de Segurança Alimentar, e a do Trabalho de Inquérito Agrícola 1996 (TIA96) do Departamento de Estatística da Direcção de Economia, Ministério da Agricultura e Pescas (MAP). A base NCD veio de um trabalho intensivo de múltiplas visitas realizadas em três distritos das províncias de Nampula e Cabo Delgado durante 1995/96, com informação bastante completa incluindo todas as fontes de rendimento das famílias, despesas realizadas, e consumo, entre outras.¹ A base do TIA96 vem de uma visita realizada entre Setembro e Outubro de 1996; tem informação menos completa, mas com abrangência nacional e tamanho de amostra maior (60 distritos no total).

Padrões de Rendimentos e Relação com Características das Famílias

As Tabelas 1-3 apresentam os resultados a serem avaliados neste *Flash*. A Tabela 1 apresenta resultados sobre os distritos de Monapo e Meconta da província de Nampula na zona Norte do país; na Tabela 2 apresentam-se resultados sobre o distrito de Montepuez na província de Cabo Delgado também no Norte; e na Tabela 3 aparecem resultados sobre toda a zona centro-norte do país (províncias de Nampula, Zambêzia, Sofala e Manica). Estes últimos vêm da base de dados TIA96. Cada uma das tabelas está organizada segundo tercils de rendimento líquido *per capita* nas famílias inquiridas. Cada tercil abrange 33% (um terço) da população inquirida, sendo o tercil 1 o grupo da população com menor rendimento, o tercil 2 o grupo mediano em termos de rendimento, e o tercil 3 o grupo da população com maior rendimento. Também apresenta-se em cada tabela a média dos três tercils. Na secção superior de cada tabela aparecem dados sobre a percentagem de

rendimento das famílias vinda de diferentes fontes (alimentos retidos, alimentos vendidos, culturas de rendimento, etc.) e o rendimento total em US\$. A seguir vêm quatro secções: demografia, posse de terra, posse de cajueiros e consumo de calorias. Com esta informação é possível relacionar características demográficas e de acesso ao capital produtivo das famílias com os seus níveis rendimento e consumo. O que nos diz esta informação?

Existe uma grande consistência entre os resultados das duas bases de dados. Em termos de níveis de rendimento, verifica-se que os rendimentos em geral são bastante baixos, nunca atingindo uma média de US\$100 *per capita* no tercil mais alto. Também fica patente que existe uma significativa variabilidade de rendimento *per capita*. Nas três tabelas, o rendimento médio do tercil de maior rendimento é três a sete vezes maior que o rendimento médio do tercil de menor rendimento. As fontes de rendimento são semelhantes nas diferentes áreas. O rendimento vindo da machamba própria fluctua entre 82% e 88% do total nas três áreas; ou seja, o rendimento fora da machamba atinge só entre 12% e 18% do total. Este resultado é semelhante ao obtido numa outra investigação do PSA em 1991 na província de Nampula, onde em média 15% do rendimento familiar vinha de actividades económicas realizadas fora da machamba própria. Monapo/Meconta salta a vista em termos da proporção de rendimento vindo da venda de culturas de rendimento. Nesta área a media é de 24%, enquanto atinge só 8% em Montepuez e em toda a região Centro-Norte. A alta percentagem de famílias que cultivam o algodão em Monapo/Meconta é o que explica esta diferença.

Em termos da relação entre o rendimento per capita e as características das famílias, verifica-se o seguinte:

- ▶ Em cada área, as famílias com maiores rendimentos conseguem uma proporção maior desse rendimento através da venda de culturas de rendimento, principalmente algodão e cajú. Quer dizer, as famílias mais pobres têm tendência de não se aproveitar das culturas de rendimento na mesma medida que as famílias menos pobres;
- ▶ Em todas as áreas, as famílias maiores são mais

pobres em termos per capita. Esta constatação é consistente com resultados obtidos em outros países com estudos semelhantes;

- ▶ Em geral, as famílias chefiadas por mulheres concentram-se no tercil de menor rendimento, embora em Montepuez existem poucas famílias chefiadas por mulheres.
- ▶ Existe uma forte relação entre o acesso a terra e o nível de rendimento das famílias. Em média, as famílias de maior rendimento têm acesso a uma área de terra entre duas e três vezes maior, em termos per capita, do que a terra possuída pelas famílias de menor rendimento;
- ▶ Em toda a região centro-norte (Tabela 3) e na sub-região de Monapo/Meconta (Tabela 2), as famílias com maiores rendimentos têm mais cajueiros. Este facto nota-se em termos da probabilidade de ter cajueiros - sempre maior no tercil de maior rendimento - e no número de cajueiros que as famílias tem, o qual também é sempre maior nos dois tercis de maiores rendimentos. Na área de Montepuez, o cajú é menos importante que em outras áreas, por conseguinte, os padrões verificados não são tão claros.
- ▶ Finalmente, para as áreas onde existem dados sobre o consumo de calorias (Monapo/Meconta e Montepuez), verifica-se que as famílias com maiores rendimentos conseguem níveis mais altos de consumo. A única excepção acontece na zona de Monapo/Meconta durante a época de fome, quando todas as famílias tem níveis de consumo quase iguais e abaixo das necessidades. Durante o ano inteiro, as famílias do tercil de maior rendimento de Monapo/Meconta atingem um consumo 14% superior ao do tercil de menor rendimento; em Montepuez, esta cifra é 23%.

Em resumo, estes resultados assinalam, primeiro, uma forte concentração de terra dentro do sector familiar na zona de estudo. Segundo, os resultados indicam que a concentração de cajueiros está positivamente associada com a concentração da terra² - quem tem mais terra também tem mais cajueiros. Por tanto, existe uma dupla concentração

dos dois tipos de capital produtivo investigados neste relatório. Terceiro, esta concentração de terra e cajueiros está positivamente associada com o rendimento e consumo das famílias - as famílias com menos terra também têm menos cajueiros e, portanto, têm menos rendimento e menos consumo de calorias. O resultado global é uma grande dispersão em termos de capital produtivo, rendimento familiar e consumo de calorias dentro do sector familiar.

Finalmente, este resultado global sugere a existência de grupos distintos de agregados familiares, com significativos níveis de desigualdade: os **“relativamente menos pobres”**, possuindo significativas quantidades de “capital produtivo”, ostentando rendimentos relativamente mais altos e atingindo níveis de consumo relativamente altos, e os **“pobres”** posicionados numa situação oposta.

Implicações para a Redução da Pobreza e Perspectivas de Crescimento no Sector Rural

A pobreza nas zonas rurais está fundamentalmente associada ao baixo nível de produtividade da agricultura de subsistência. As causas desta baixa produtividade são muitas, entre elas a fraca infraestrutura física, baixos níveis de educação, poucas oportunidades económicas fora da agricultura,³ e a utilização quase nula de insumos melhorados. Combater a pobreza implica melhorar estes aspectos nas zonas rurais, para poder aumentar a produtividade. Ao aumentar a produtividade, também o crescimento receberá um forte impulso.

Claramente, o desenho e execução de estratégias para aumentar a utilização de insumos melhorados caem no âmbito do Ministério de Agricultura e Pescas. O que implicam sobre estas estratégias as constatações verificadas neste *Flash* referente à estrutura do sector familiar? Por um lado, o grupo dos mais pobres, com pouca terra, poucos cajueiros, e baixo rendimento e consumo, será bastante difícil de atingir com este tipo de estratégia. Os riscos inerentes à utilização de insumos serão mais difíceis para este grupo aguentar, considerando que a capacidade do Estado para colmatar estes riscos é bastante limitada. O crescimento e a redução da pobreza dentro deste grupo dependerá principalmente do sector de micro- e pequenas empresas. Por outro lado o grupo dos menos

pobres tem mais terra e mais cajueiros e já atinge maiores rendimentos e maiores níveis de consumo. Portanto, este grupo está menos comprometido e menos vulnerável tendo, por conseguinte, maiores possibilidades de aguentar os riscos (e se aproveitar dos benefícios) de maior utilização de insumos melhorados. Notará também, que este grupo (o terceiro tercil em cada tabela) já está mais orientado para a agricultura comercial, com percentagens significativamente maiores do seu rendimento familiar vindo da venda de culturas de rendimento. Sugerimos, então, que este grupo é o apropriado grupo alvo para as estratégias de fomento da utilização de insumos.

Para terminar, é necessário realçar o facto de que esta intensificação da agricultura familiar não vai acontecer sem uma política comercial bastante aberta, claramente orientada para o comércio regional e internacional. O impacto positivo das culturas de rendimento (especialmente o algodão) sobre os rendimentos das famílias testemunha a importância do comércio regional e internacional, apesar dos problemas sérios que ultimamente afectam este sector. Mais recentemente, a experiência dos últimos dois anos no Centro e Norte do país, exportando milho para Malawi, mostra o impacto que isto pode ter sobre os preços recebidos pelos produtores (muito maiores do que antes da abertura deste comércio), o qual tem grande impacto sobre as suas decisões de investir, ou não, nos insumos. É necessário manter esta abertura e desenvolver outros mercados na região e fora, para milho e outros produtos, para criar as condições necessárias para uma intensificação sustentável da agricultura Moçambicana, com os efeitos positivos que isto terá sobre a redução da pobreza e o crescimento.

Notas

1. Os dados de consumo foram recolhidos utilizando a metodologia de “consumo nas últimas 24 horas”. Vide Relatório de Pesquisa No. 32 do Projecto de Segurança Alimentar para maiores detalhes.

2. Vide reimpressão da tese de Higinio de Marrule (publicado como Relatório de Pesquisa sem número) para maior detalhe sobre os mecanismos de acesso e distribuição de terras no sector familiar no Norte do país.

3. Vide Relatório de Pesquisa número 27P do PSA, e a reimpressão da tese de Rui Benfica (publicado como Relatório de Pesquisa sem número) para maior detalhe sobre as actividades não agrícolas (micro- e pequenas empresas) e o seu papel na vida económica do sector familiar nesta zona do país.

Tabela 1. Estrutura do Rendimento Familiar, Características Demográficas, Posse de Terras, Posse de Cajueiros e Consumo de Calorias por Tercis de Rendimento Familiar per capita: Monapo/Meconta.

Fonte de Rendimento	Tercil de Rendimento Líquido <i>Per Capita</i>			Monapo/Meconta
	1	2	3	
----- % do Rendimento do AF -----				
Na Machamba Própria				
Alimentos Básicos Retidos	54	51	44	50
Fruta e Vegetais Retidos	<1	<1	1	1
Gado Retido/Vendido	7	6	4	6
Venda de Alimentos Básicos	4	3	3	3
Venda de Frutas e Vegetais	<1	<1	1	<1
Venda de Culturas de Rendimento	20	21	32	24
Sub-Total	86	82	85	85
Fora da Machamba Própria				
Venda de Força de Trabalho	86	126	69	97
Lucro Líquido da Micro-Empresa				
Sub-Total	14	18	15	15
	100	100	100	100
----- Média em \$US -----				
Rendimento Líquido Total do AF	151	270	412	276
Rendimento Líquido <i>Per Capita</i>	27	52	95	58
Demografia				
Idade do Chefe do AF (Anos)	37	43	42	40
AFs Chefiados por Mulheres (%)	7	1	<1	3
Tamanho do AF (# de Membros)	5,6	5,1	4,3	5
Posse de Terra				
Area por AF (Ha/AF)	3,1	5	4,2	4,1
Area <i>per capita</i> (Ha/per capita)	0,6	1	1,11	0,9
Area Cultivada (Ha/AF)	2,3	3,3	3,7	3,1
Posse de Cajueiros				
AFs com Cajueiros (%)	43	63	71	60
Numero de Cajueiros, AFs com Cajueiros	45	75	70	65
Consumo de Calorias¹				
Kcal disponivel/ae/AF - Maio 95	<u>2734</u>	3067	3479	3093
Kcal disponivel/ae/AF - Set 95	3112	3227	3455	3262
Kcal disponivel/ae/AF - Jan 96	<u>2340</u>	<u>2162</u>	<u>2434</u>	2311

Fonte:1994/96 MAP/MSU PSA Inquerito ao Sector Familiar

¹Compare-se os valores médias de calorias disponiveis com o minimo recomendavel para um adulto equivalente com actividade moderada que é de 2.987. As médias inferiores a este valor estao sublinhadas.

Tabela 2. Estrutura do Rendimento Familiar, Características Demográficas, Posse de Terras, Posse de Cajueiros e Consumo de Calorias por Tercis de Rendimento Familiar per capita: Montepuez

Fonte de Rendimento	Tercil de Rendimento Líquido <i>Per Capita</i>			Montepuez
	1	2	3	
----- % do Rendimento do AF-----				
Na Machamba Propria				
Alimentos Básicos Retidos	68	62	62	64
Fruta e Vegetais Retidos	<1	<1	<1	<1
Gado Retido/Vendido	2	3	2	3
Venda de Alimentos Básicos	2	10	6	6
Venda de Frutas e Vegetais	1	<1	1	1
Venda de Culturas de Rendimento	3	7	14	8
Sub-Total	78	83	86	82
Fora da Machamba Própria				
Venda de Força de Trabalho	1210	314	68	711
Lucro Líquido da Micro-Empresa				
Sub-Total	22	17	14	18
	100	100	100	100
-----Média em \$US -----				
Rendimento Líquido Total do AF	105	172	366	214
Rendimento Líquido <i>Per Capita</i>	19	33	88	46
Demografia				
Idade do Chefe do AF (Anos)	37	39	42	40
AFs Chefiados por Mulheres (%)	0	1	0	<1
Tamanho do AF (# de Membros)	5,5	5,2	4,5	5
Posse de Terra				
Area por AF (Ha/AF)	2,7	3,2	4,5	3,5
Area <i>per capita</i> (Ha/per capita)	0,51	0,63	1,14	0,76
Area Cultivada (Ha/AF)	1,8	2,5	3,5	2,6
Posse de Cajueiros				
AFs com Cajueiros (%)	44	53	50	49
Numero de Cajueiros, AFs com Cajueiros	10	13	7	10
Consumo de Calorias¹				
Kcal disponivel/ae/AF - Maio 95	<u>2210</u>	<u>2457</u>	2998	2553
Kcal disponivel/ae/AF - Set 95	<u>2882</u>	<u>2650</u>	3423	2988
Kcal disponivel/ae/AF - Jan 96	<u>1797</u>	<u>1827</u>	<u>2048</u>	1890

Fonte:1994/96 MAP/MSU PSA Inquerito ao Sector Familiar

¹Compare-se os valores médias de calorias disponiveis com o minimo recomendavel para um adulto equivalente com actividade moderada que é de 2.987. As médias inferiores a este valor estao sublinhadas.

Tabela 3. Estrutura do Rendimento Familiar, Características Demográficas, Posse de Terras e Posse de Cajueiros por Tercis de Rendimento Familiar per capita, Norte-Centro de Moçambique

Fonte de Rendimento	Tercil de Rendimento Líquido <i>Per Capita</i>			Norte-Centro de Moçambique
	1	2	3	
----- % do Rendimento do AF -----				
Na Machamba Própria				
Alimentos Básicos Retidos	69	51	39	53
Fruta e Vegetais Retidos	7	20	21	16
Gado Retido/Vendido	5	4	4	4
Venda de Alimentos Básicos	5	6	4	5
Venda de Frutas e Vegetais	1	2	2	2
Venda de Culturas de Rendimento	6	9	10	8
Sub-Total	93	92	80	88
Fora da Machamba Própria				
Venda de Força de Trabalho	34	8	119	210
Lucro Líquido da Micro-Empresa				
Sub-Total	7	8	20	12
	100	100	100	100
----- Média em \$US -----				
Rendimento Líquido Total do AF	67	161	376	201
Rendimento Líquido <i>Per Capita</i>	12	30	91	44
Demografia				
Idade do Chefe do AF (Anos)	42	43	44	43
AFs Chefiados por Mulheres (%)	17	11	12	13
Tamanho do AF (# de Membros)	5,9	5,5	4,5	5,2
Posse de Terra				
Area por AF (Ha/AF)	1,65	2,41	3,12	2,41
Area <i>per capita</i> (Ha/per capita)	0,3	0,48	0,82	0,54
Area Cultivada (Ha/AF)	1,25	1,66	2,01	1,65
Posse de Cajueiros				
AFs com Cajueiros (%)	36	52	55	48
Numero de Cajueiros, AFs com Cajueiros	28	39	51	41

Fonte:1994/96 MAP/MSU PSA Inquerito ao Sector Familiar